



CLASSE E RAÇA NO INÍCIO DA CAMPANHA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

Naquela noite, caminhando lado a lado pela longa Queen Street e relembrando as emocionantes cenas do dia, Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton decidiram realizar uma convenção pelos direitos das mulheres em seu retorno aos Estados Unidos, já que os homens que elas haviam acabado de ouvir tinham demonstrado uma grande necessidade de ser instruídos nesse assunto. Começava assim, e ali, o trabalho missionário pela emancipação da mulher na “terra dos livres e lar dos valentes”.^[1]

Com frequência, presume-se que essa conversa, ocorrida em Londres no dia da abertura da Convenção Antiescravagista Mundial de 1840, conta a verdadeira história do nascimento do movimento organizado de mulheres nos Estados Unidos. Por isso, adquiriu uma importância um tanto lendária. E, como a maioria das lendas, a verdade que ela supostamente encarna é bem menos inequívoca do que parece. Esse caso e as circunstâncias que o cercam se tornaram a base de uma interpretação popular segundo a qual o movimento pelos direitos das mulheres foi principalmente inspirado – ou até mesmo provocado – pela intolerável supremacia masculina no interior da campanha antiescravagista.

Não há dúvida de que as mulheres estadunidenses que tinham a expectativa de participar da conferência em Londres ficaram realmente furiosas quando se viram excluídas pelo voto da maioria, “cercadas por uma barreira e uma cortina similares às usadas nas igrejas para esconder o coro dos olhares do público”^[2]. Lucretia Mott, assim como as outras mulheres que representavam oficialmente a Sociedade Antiescravagista Estadunidense, tinha outros motivos para sentir raiva e indignação. Pouco tempo antes, ela havia participado de uma turbulenta discussão sobre o direito das mulheres abolicionistas de participar, em pé de igualdade, dos trabalhos da Sociedade Antiescravagista. No entanto, para uma mulher que fora excluída da afiliação à Sociedade pelos sete anos anteriores, essa não era uma experiência nova. Se ela realmente se inspirou a lutar pelos direitos das mulheres em função dos acontecimentos em Londres – devido ao fato de que, como afirmam duas autoras feministas contemporâneas, “os líderes radicais, aqueles homens que mais se preocupavam com as desigualdades sociais

[...] também discriminavam as mulheres”^[3] –, foi porque essa inspiração já existia nela bem antes de 1840.

Ao contrário de Lucretia Mott, Elizabeth Cady Stanton não tinha experiência como ativista política quando foi realizada a convenção em Londres. Acompanhando seu marido – com quem se casara apenas algumas semanas antes – no que chamou de “viagem de casamento”^[4], ela participava de sua primeira reunião antiescravagista não na condição de representante, e sim como esposa de um líder abolicionista. Assim, a sra. Stanton estava, de certo modo, incapacitada, pois lhe faltava a perspectiva forjada em anos de luta pelo direito das mulheres de colaborar com a causa antiescravagista. Quando ela escreveu (com Susan B. Anthony, em *History of Woman Suffrage* [História do sufrágio feminino]) que, durante sua conversa com Lucretia Mott, em 1840, “começava assim, e ali, o trabalho missionário pela emancipação da mulher”^[5], seus comentários não levaram em consideração as lições acumuladas ao longo de quase uma década, durante a qual as abolicionistas lutaram por sua emancipação política enquanto mulheres.

Embora tenham sido derrotadas na convenção de Londres, as abolicionistas descobriram ali as evidências de que suas batalhas do passado tiveram alguns resultados positivos. Foram apoiadas por alguns dos líderes do antiescravagismo, que se opunham ao movimento coordenado para excluí-las. William Lloyd Garrison – “o bravo e ilustre Garrison”^[6] –, que chegou atrasado ao debate e por isso não pôde participar, recusou-se a ocupar sua cadeira e permaneceu, durante os dez dias da convenção, “um espectador silencioso entre o público”^[7]. De acordo com o relato de Elizabeth Cady Stanton, Nathaniel P. Rogers, de Concord, New Hampshire, foi o único abolicionista além de Garrison a se juntar às mulheres na galeria^[8]. Por que o abolicionista negro Charles Remond não é mencionado na descrição que Stanton faz dos acontecimentos é algo bastante intrigante. Ele também era, como escreveu sobre si mesmo em um artigo publicado no *Liberator*, “um ouvinte silencioso”^[9].

Charles Remond relatou ter tido uma das maiores decepções de sua vida quando descobriu, ao chegar, que as mulheres haviam sido excluídas do andar onde se realizaria a convenção. Ele tinha bons motivos para se sentir desconfortável, já que as despesas de sua própria viagem haviam sido pagas por vários grupos de mulheres.

Eu estava completamente em dívida com as atenciosas e generosas integrantes da Sociedade Antiescravagista Feminina de Bangor, do Círculo de Costura de - Portland^[a] e da Sociedade Antiescravagista das Jovens de Newport pela ajuda para visitar este país.^[10]

Remond sentiu-se obrigado a recusar sua cadeira na convenção porque, caso contrário, não poderia ser “o representante de honra das três associações femininas, ao

mesmo tempo dignas de louvor em seus objetivos e eficientes nessa ação conjunta”^[11]. Nem todos os homens, portanto, eram os “aboliconistas preconceituosos”^[12] a quem Stanton se refere em seu relato histórico. Ao menos alguns deles haviam aprendido a identificar e desafiar as injustiças da supremacia masculina.

Embora o interesse de Elizabeth Cady Stanton pelo abolicionismo fosse bastante recente, ela havia lutado contra o sexismo ao longo de toda sua juventude. Estimulada pelo pai – um juiz conservador próspero e audacioso –, ela desafiou a ortodoxia tanto em seus estudos como em suas atividades de lazer. Estudou grego e matemática e aprendeu a cavalgar, atividades geralmente vetadas às meninas. Aos dezesseis anos, Elizabeth era a única moça em sua turma de formandos do ensino médio^[13]. Antes de se casar, a jovem Stanton passava muito tempo com o pai e até havia começado a estudar direito com afinco sob a orientação dele.

Em 1848, Stanton havia se tornado mãe e dona de casa em tempo integral. Vivendo com o marido em Seneca Falls, Nova York, ela nem sempre conseguia contratar empregadas domésticas, que eram raras naquela região. Sua vida, enfadonha e frustrante, tornou-a particularmente sensível à desagradável condição das mulheres brancas de classe média. Ao explicar sua decisão de contatar Lucretia Mott depois de oito anos sem se encontrarem, ela mencionou sua situação doméstica como o primeiro entre vários motivos para convocar uma convenção de mulheres.

Meu descontentamento generalizado como mulher no papel de esposa, mãe, dona de casa, médica e guia espiritual [...] e o olhar fatigado e ansioso da maioria das mulheres me causavam a forte impressão de que algo deveria ser feito para curar os males da sociedade em geral e das mulheres em particular. Minhas experiências na Convenção Antiescravagista Mundial, tudo o que eu tinha lido sobre a condição legal das mulheres e a opressão que eu via em todos os lugares, tudo isso junto, intensificado por muitas das minhas vivências pessoais, tocou minha alma. Parecia que todos esses elementos conspiravam para me impelir a dar um passo adiante. Eu não conseguia ver o que fazer ou por onde começar – só pensava em uma assembleia para discutir e protestar.^[14]

A vida de Elizabeth Cady Stanton apresentava todos os elementos básicos do dilema de uma mulher branca de classe média em seus aspectos mais contraditórios. Sua dedicação para obter os melhores resultados acadêmicos, o conhecimento adquirido como estudante de direito e todas as outras atitudes adotadas para cultivar sua força intelectual – tudo isso havia sido em vão. Casamento e maternidade a impediram de alcançar os objetivos que ela havia definido para si mesma quando era solteira. Além disso, a partir de seu envolvimento no movimento abolicionista durante os anos posteriores à convenção de Londres, ela aprendeu que era possível organizar uma resistência política à opressão. Muitas das mulheres que responderam ao convite para

participar da primeira convenção pelos direitos das mulheres em Seneca Falls estavam se conscientizando de contradições semelhantes em sua própria vida e haviam igualmente percebido, a partir do exemplo da luta antiescravagista, que era possível batalhar pela igualdade.

Durante o planejamento da Convenção de Seneca Falls, Elizabeth Cady Stanton propôs uma resolução que pareceu excessivamente radical até mesmo para sua companheira Lucretia Mott. Embora as experiências da sra. Mott no movimento antiescravagista certamente a persuadissem de que as mulheres precisavam urgentemente exercitar seu poder político, ela se opôs à introdução de uma resolução sobre o sufrágio feminino. Essa proposta seria interpretada como um absurdo e uma afronta, pensou ela, e por consequência ameaçaria a credibilidade da convenção. O marido de Stanton também foi contra a ideia de levantar a questão do sufrágio – e cumpriu sua promessa de sair da cidade caso ela insistisse em apresentá-la. Frederick Douglass foi a única figura de destaque a concordar que a convenção deveria reivindicar o direito de voto das mulheres.

Anos antes da reunião de Seneca Falls, Elizabeth Cady Stanton havia convencido Frederick Douglass, com grande determinação, de que o voto deveria ser estendido às mulheres.

Eu não conseguia rebater os argumentos dela, exceto com desculpas superficiais como “costumes”, “divisão natural de tarefas”, “vulgaridade da participação da mulher na política”, a conversa de sempre sobre “a esfera feminina” e coisas parecidas, tudo o que aquela mulher competente, que na época não era menos sensata do que é hoje, desmentiu com os mesmos argumentos que desde então tem usado, de modo recorrente e eficiente, e que nenhum homem teve sucesso em refutar. Se a inteligência é a única base verdadeira e racional para um governo, conclui-se que o melhor governo é aquele que extrai sua existência e seu poder das maiores fontes de sabedoria, energia e bondade à sua disposição. ^[15]

Entre as cerca de trezentas pessoas, mulheres e homens, que participaram da Convenção de Seneca Falls, a questão do poder eleitoral para as mulheres era o único grande ponto de desavença: a proposta do sufrágio, por si só, não tinha apoio unânime. O fato de a polêmica proposta ter sido apresentada, entretanto, deveu-se à disposição de Frederick Douglass de apoiar a moção de Stanton e empregar suas habilidades como orador para defender o direito das mulheres ao voto ^[16].

Durante aqueles anos iniciais, quando os direitos das mulheres ainda não eram uma causa legitimada e o sufrágio feminino era desconhecido e impopular enquanto reivindicação, Frederick Douglass agitou o debate público em torno da igualdade política das mulheres. Logo após a Convenção de Seneca Falls, ele publicou um editorial em seu

jornal, *North Star*. Intitulado “The Rights of Women” [Os direitos das mulheres], o texto trazia um conteúdo bastante radical para a época:

Em respeito aos direitos políticos, defendemos que seja conferido às mulheres, de modo justo, tudo o que reivindicamos para os homens. Vamos além e expressamos nossa convicção de que todos os direitos políticos que podem ser exercidos pelos homens sejam igualmente conferidos às mulheres. Tudo o que distingue o homem como um ser inteligente e responsável é igualmente válido para a mulher, e, se um governo só é justo quando governa com o consentimento livre dos governados, não há no mundo nenhum motivo para negar à mulher o exercício do direito de votar ou a participação na criação e na administração da lei do país. [17]

Frederick Douglass também foi responsável por introduzir oficialmente a questão dos direitos das mulheres no movimento pela libertação negra, que recebeu o tema com entusiasmo. Como S. Jay Walker destaca, Douglass foi claro em sua fala na Convenção Nacional das Pessoas de Cor Libertas, que aconteceu em Cleveland, Ohio, na mesma época do encontro em Seneca Falls: “Ele conseguiu que fosse alterada uma resolução sobre a definição de representantes, de modo que estivesse ‘subentendida a inclusão de *mulheres*’; a emenda foi aprovada ‘com três vivas pelos direitos das mulheres!’” [18].

Elizabeth Cady Stanton teceu diversos elogios a Douglass por sua firme defesa da Convenção de Seneca Falls diante da ridicularização promovida pela imprensa.

A opinião popular estava tão decididamente contra nós, nos salões, na imprensa e no clero, que, uma a uma, a maioria das damas que compareceu à convenção e assinou a declaração retirou seu nome e seu apoio, juntando-se a nossos opositores. Nossas amigas nos viraram as costas e se sentiram humilhadas por todo o processo. [19]

Os protestos não dissuadiram Douglass nem alcançaram o objetivo de interromper a batalha pelos direitos das mulheres ainda em sua fase inicial. Salões, imprensa e clero, por mais que tenham tentado, não conseguiram reverter esse movimento. Passado apenas um mês, foi realizada em Rochester, Nova York, outra convenção – cuja ousada inovação, criando um precedente para futuros encontros, foi ter uma mulher presidindo os trabalhos [20]. Mais uma vez, Frederick Douglass demonstrou lealdade a suas irmãs, repetindo sua defesa da resolução sobre o sufrágio, que foi aprovada em Rochester por uma margem muito mais ampla do que em Seneca Falls [21].

A defesa dos direitos das mulheres não podia ser proibida. Ainda que não fosse aceita pelos formadores de opinião, a questão da igualdade das mulheres, agora encarnada em um movimento embrionário e apoiada pela população negra – que lutava pela própria liberdade –, tornou-se um elemento que não podia ser excluído da vida

pública estadunidense. Mas por que tudo isso? Como a questão da igualdade das mulheres poderia ser definida para além do problema do sufrágio, que havia despertado toda a publicidade depreciativa a respeito da Convenção de Seneca Falls? Será que as reivindicações delineadas na Declaração de Sentimentos e as exigências apresentadas nas resoluções realmente refletiam os problemas e as necessidades das mulheres dos Estados Unidos?

O foco enfático da Declaração de Seneca Falls era a instituição do matrimônio e seus vários efeitos prejudiciais às mulheres: o casamento roubava delas seu direito à propriedade, tornando-as econômica e moralmente dependentes de seus maridos. Ao exigir obediência absoluta por parte das esposas, a instituição do matrimônio dava aos maridos o direito de puni-las e, o que é ainda pior, as leis de separação e divórcio eram quase totalmente baseadas na supremacia masculina^[22]. A declaração afirmava que, como consequência da condição de inferioridade das mulheres no interior do casamento, elas também eram sujeitas a desigualdades nas instituições de ensino e na carreira. “Empregos lucrativos” e “todas as possibilidades de prosperidade e distinção” (como medicina, direito e teologia) eram absolutamente inacessíveis a elas^[23]. O documento concluía sua lista de injustiças evocando a dependência mental e psicológica das mulheres, o que reduzia sua “confiança e amor-próprio”^[24].

A importância inestimável da Declaração de Seneca Falls residia em seu papel como *expressão da consciência sobre os direitos das mulheres* em meados do século XIX. Tratava-se do resultado teórico de anos de contestações inseguras e muitas vezes silenciosas, voltadas a uma condição política, social, doméstica e religiosa que era contraditória, frustrante e claramente opressiva para as mulheres da burguesia e das classes médias emergentes. Entretanto, enquanto consumação exata da consciência do dilema das mulheres brancas de classe média, a declaração ignorava totalmente a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como a condição das mulheres negras tanto do Sul quanto do Norte. Em outras palavras, a Declaração de Seneca Falls propunha uma análise da condição feminina sem considerar as circunstâncias das mulheres que não pertenciam à classe social das autoras do documento.

E quanto àquelas mulheres que *trabalhavam* para sobreviver – por exemplo, as mulheres brancas operárias das fábricas de tecidos no Nordeste? Em 1831, quando a indústria têxtil ainda era o principal setor da nova Revolução Industrial, as mulheres constituíam a maioria do operariado. Nas fábricas de tecidos, espalhadas por toda a Nova Inglaterra, havia 38.927 mulheres operárias e 18.539 homens^[25]. As primeiras jovens operárias [“*mill girls*”] haviam sido recrutadas nas famílias de agricultores locais. Em busca de lucro, os proprietários das indústrias apresentavam a vida nas fábricas como um prelúdio atraente e instrutivo para o casamento. Os sistemas Waltham e Lowell^[b] eram retratados como “famílias substitutas”, em que as jovens agricultoras seriam rigorosamente supervisionadas por mulheres mais velhas em um ambiente semelhante ao

de uma escola de boas maneiras^[c]. Mas qual era a realidade da vida nas fábricas? Jornadas incredivelmente longas – doze, catorze e até dezesseis horas por dia –, condições de trabalho atrozes, alojamentos desumanamente lotados e

Tão pouco tempo para as refeições – meia hora para o almoço – que as mulheres corriam vários quarteirões da tecelagem quente e úmida até seu alojamento, engoliam a principal refeição do dia e corriam de volta à fábrica com medo de serem multadas por atraso. No inverno, elas nem sequer ousavam desabotoar os casacos e frequentemente comiam sem tirá-los. Era a estação da pneumonia. No verão, comida estragada e higiene precária provocavam disenteria. A tuberculose as acompanhava em todas as estações.^[26]

As trabalhadoras revidaram. A partir do fim dos anos 1820 – bem antes da Convenção de Seneca Falls, em 1848 –, organizaram “paralisações” e greves, militando contra a dupla opressão que sofriam, como mulheres e como operárias. Em 1828, em Dover, New Hampshire, por exemplo, as trabalhadoras abandonaram os empregos para demonstrar seu desacordo com restrições recentemente impostas. Elas “chocaram a comunidade ao marchar com cartazes, bandeiras e queima de pólvora”^[27].

No verão de 1848, quando a Convenção de Seneca Falls foi realizada, as condições de trabalho nas fábricas – desde o início aquém do ideal – haviam piorado de tal forma que as filhas dos agricultores da Nova Inglaterra estavam rapidamente se tornando minoria na mão de obra do setor têxtil. Substituindo as mulheres “bem-nascidas” e ianques estavam as imigrantes, que, como seus pais, irmãos e maridos, começavam a constituir o proletariado industrial da nação. Essas mulheres – ao contrário de suas antecessoras, cujas famílias eram proprietárias de terras – não tinham com o que contar, exceto sua força de trabalho. Quando resistiam, estavam lutando pelo direito de sobreviver. E lutavam com tanta determinação que, “nos anos 1840, as mulheres eram as líderes da militância operária nos Estados Unidos”^[28].

Em campanha pela jornada de dez horas diárias, a Associação Feminina pela Reforma Trabalhista de Lowell apresentou petições à Assembleia Legislativa do Estado de Massachusetts em 1843 e 1844. Quando a instituição concordou em realizar audiências públicas, as mulheres de Lowell se distinguiram por conseguir que uma comissão governamental promovesse a primeira investigação sobre condições trabalhistas na história dos Estados Unidos^[29]. Isso deu um claro impulso à questão dos direitos das mulheres – e antecipou em quatro anos o início oficial de seu movimento.

A julgar pelas lutas das operárias brancas – a defesa incansável de sua dignidade enquanto trabalhadoras e enquanto mulheres, a contestação consciente ou subjacente da ideologia sexista da feminilidade –, elas mais do que mereciam o direito de serem enaltecidas como precursoras do movimento de mulheres. Mas seu pioneirismo foi

totalmente ignorado pelas líderes do novo movimento, que não compreendiam que as trabalhadoras vivenciavam e desafiavam a supremacia masculina de um modo particular. Como que enfatizando esse fato, a história reservou uma última ironia para o movimento iniciado em 1848: de todas as mulheres presentes na Convenção de Seneca Falls, a única que viveu o suficiente para de fato exercer seu direito ao voto, mais de setenta anos depois, foi uma trabalhadora chamada Charlotte Woodward^[30].

Os motivos que levaram Charlotte Woodward a assinar a Declaração de Seneca Falls dificilmente eram os mesmos das mulheres mais abastadas. Ao comparecer à convenção, seu objetivo era buscar conselhos sobre como melhorar sua condição de trabalhadora. Ela fazia luvas, função que ainda não era industrializada: trabalhava em casa e, por lei, seus pagamentos eram controlados pelos homens da família. Descrevendo as características de seu trabalho, Woodward manifestou a rebeldia que a levava a Seneca Falls:

Nós, mulheres, trabalhamos em segredo, na reclusão do nosso quarto, porque a sociedade inteira foi construída com base na teoria de que os homens, não as mulheres, ganham dinheiro e de que apenas eles sustentam a família [...]. Eu não acredito que tenha existido uma só comunidade em que a alma de algumas mulheres não tenha batido suas asas em sinal de rebeldia. Intimamente, posso afirmar que cada fibra de meu ser se revolta, ainda que em silêncio, por todas as horas que eu passo sentada, costurando luvas por uma miséria que, assim que é paga, já não me pertence. Eu queria trabalhar, mas queria escolher meu serviço e receber meus pagamentos. Era uma forma de rebeldia contra a vida em que nasci.^[31]

Charlotte Woodward e as muitas outras trabalhadoras presentes na convenção encaravam os direitos das mulheres com seriedade – com mais seriedade do que todos os demais aspectos de sua vida.

Na última sessão do evento, Lucretia Mott sugeriu uma resolução final instando tanto a derrubada do clero quanto “a garantia às mulheres de *uma participação igualitária com os homens em vários mercados, profissões e negócios*”^[32]. Seria essa apenas uma ideia de última hora? Um gesto caridoso com Charlotte Woodward e suas irmãs da classe trabalhadora? Ou o pequeno contingente de trabalhadoras havia protestado contra a exclusão de seus interesses das resoluções originais, levando Lucretia Mott, militante antiescravagista de longa data, a defendê-las? Se Sarah Grimké estivesse presente, ela teria repetido o que disse em outra ocasião: “Nas classes mais pobres existem muitos corações fortes e honestos, cansados de ser escravizados e usados como objetos, que merecem a liberdade e que irão usá-la com dignidade”^[33].

Se o reconhecimento concedido às mulheres da classe trabalhadora no encontro de Seneca Falls foi praticamente irrisório, não houve nem mesmo uma breve menção aos direitos de outro grupo de mulheres que também “se rebelou contra a vida em que

nasceu”^[34]. No Sul, elas se revoltaram contra a escravidão e, no Norte, contra uma ambígua condição de liberdade chamada racismo. Embora pelo menos um homem negro tenha participado das conferências em Seneca Falls, não havia uma única mulher negra na audiência. Nem os documentos da convenção fazem qualquer referência às mulheres negras. À luz do envolvimento das organizadoras com o abolicionismo, deveria ser perturbador o fato de as mulheres negras serem totalmente desconsideradas.

Esse, porém, não era um problema novo. As irmãs Grimké haviam criticado anteriormente várias sociedades antiescravagistas femininas por ignorarem a condição das mulheres negras e, algumas vezes, manifestarem preconceitos flagrantemente racistas. Durante os preparativos para a convenção de fundação da Sociedade Antiescravagista Feminina Nacional, Angelina Grimké teve de tomar a iniciativa de garantir algo mais do que a presença simbólica de mulheres negras. Além disso, ela sugeriu a realização de um discurso especial na convenção dirigido à população negra livre do Norte. Como ninguém – nem mesmo Lucretia Mott – quis preparar tal exposição, Sarah, a irmã de Angelina, falou ao público^[35]. Já em 1837 as irmãs Grimké haviam criticado a Sociedade Antiescravagista Feminina de Nova York por não envolver as mulheres negras em suas atividades. “Em razão de seus fortes sentimentos aristocráticos”, lamentou Angelina,

elas eram extremamente ineficientes. [...] Pensamos seriamente em formar uma Sociedade Antiescravagista entre nossas irmãs de cor e convencê-las a convidar suas amigas brancas para se unirem a elas, achamos que assim conseguiríamos que as mulheres brancas mais eficientes da cidade se juntassem a elas.^[36]

A ausência de mulheres negras na Convenção de Seneca Falls ficou ainda mais evidente à luz da contribuição que elas haviam dado à luta pelos direitos das mulheres. Mais de uma década antes do encontro, Maria Stewart respondeu aos ataques contra seu direito de ministrar palestras públicas, questionando de modo enfático: “E daí que eu sou uma mulher?”^[37]. Negra, ela foi a primeira oradora nascida nos Estados Unidos a se dirigir a plateias formadas por homens e mulheres^[38]. Em 1827, o *Freedom’s Journal* – primeiro jornal negro do país – publicou a carta de uma mulher negra sobre os direitos das mulheres. Matilda, como ela se identificava, reivindicava educação para as mulheres negras em uma época em que a instrução de mulheres era um assunto polêmico e bastante impopular. A carta foi publicada nesse pioneiro jornal de Nova York um ano antes de Frances Wright, nascida na Escócia, começar a proferir palestras sobre o acesso igualitário à educação para as mulheres.

Dirijo-me a todas as mães e digo a elas que, embora seja necessário possuir conhecimento sobre o preparo de pudins, algo mais é indispensável. É seu dever

sagrado inculcar na mente de suas filhas aprendizados úteis. Elas devem ser levadas a dedicar seu tempo de descanso à leitura de livros, dos quais poderão tirar informações valiosas que nunca serão arrancadas delas.^[39]

A luta das mulheres brancas de classe média pelo direito à educação começou bem antes da primeira convenção de mulheres. As observações de Matilda – depois confirmadas pela facilidade com que Prudence Crandall atraiu alunas negras para sua escola sediada em Connecticut – demonstravam que as mulheres, brancas e negras, estavam efetivamente unidas em seu desejo por educação. Infelizmente, essa conexão não foi reconhecida durante a Convenção de Seneca Falls.

O fracasso em admitir o potencial de um movimento de mulheres integrado – particularmente contra o sexismo na educação – revelou-se de modo dramático em um episódio que aconteceu durante o decisivo verão de 1848. Ironicamente, o fato envolveu a filha de Frederick Douglass. Depois de ser aceita em um colégio para meninas em Rochester, Nova York, a filha de Douglass foi formalmente proibida de assistir às aulas com as meninas brancas. A diretora que deu a ordem era uma abolicionista! Quando Douglass e sua esposa protestaram contra essa medida segregacionista, a diretora pediu que cada uma das alunas brancas votasse sobre a questão, afirmando que uma única objeção seria suficiente para manter a exclusão. Depois que as meninas votaram a favor da integração da colega à classe, a diretora recorreu às mães e aos pais das alunas, usando a única objeção recebida como desculpa para excluir a filha de Douglass^[40].

O fato de que uma mulher branca associada ao movimento antiescravidão pudesse adotar tal postura racista contra uma menina negra no Norte refletia uma enorme fraqueza da campanha abolicionista: seu fracasso em promover uma ampla conscientização antirracista. Essa grave deficiência, largamente criticada pelas irmãs Grimké e outras líderes, infelizmente foi transferida para o movimento organizado dos direitos das mulheres.

Por mais omissas que as primeiras militantes pelos direitos das mulheres tenham sido em relação à condição de suas irmãs negras, os ecos do novo movimento de mulheres foram ouvidos por toda a luta organizada pela libertação negra. Como já mencionado, em 1848, a Convenção Nacional das Pessoas de Cor Libertas aprovou uma resolução sobre a igualdade das mulheres^[41]. Sob a iniciativa de Frederick Douglass, esse encontro, realizado em Cleveland, determinou que mulheres deveriam ser eleitas como representantes em base de igualdade com homens. Pouco depois, uma convenção da população negra na Filadélfia não apenas convidou as mulheres negras a participar como, reconhecendo o novo movimento lançado em Seneca Falls, também pediu às mulheres brancas que se juntassem a elas. Lucretia Mott relatou sua decisão de participar em uma carta a Elizabeth Cady Stanton:

Estamos agora em meio a uma convenção da população de cor da cidade. Douglass e Delany, Remond e Garnet estão aqui – participam ativamente – e, uma vez que eles incluíram as mulheres e também as mulheres *brancas*, o mínimo que pude fazer, por meu interesse pela causa escrava e também pela causa da mulher, foi estar presente e participar minimamente. Por isso, ontem, sob uma forte chuva, Sarah Pugh e eu andamos até lá e esperamos fazer o mesmo hoje.^[42]

Dois anos depois da Convenção de Seneca Falls, aconteceu em Worcester, Massachusetts, a primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres. Seja porque foi realmente convidada, seja por iniciativa própria, o fato é que Sojourner Truth estava entre as participantes. Sua presença e os discursos que proferiu em encontros subsequentes pelos direitos das mulheres simbolizavam a solidariedade das mulheres negras com a nova causa. Elas aspiravam ser livres não apenas da opressão racista, mas também da dominação sexista. “Não sou eu uma mulher?”^[43] – mote do discurso feito por Sojourner Truth em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, em 1851 – continua sendo uma das mais citadas palavras de ordem do movimento de mulheres do século XIX.

Sozinha, Sojourner Truth salvou o encontro de mulheres de Akron das zombarias disruptivas promovidas por homens hostis ao evento. De todas as mulheres que compareceram à reunião, ela foi a única capaz de responder com agressividade aos argumentos, baseados na supremacia masculina, dos ruidosos agitadores. Com seu inegável carisma e suas poderosas habilidades como oradora, Sojourner Truth derrubou as alegações de que a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio – e fez isso usando uma lógica irrefutável. O líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem. Com simplicidade persuasiva, Sojourner Truth apontou que ela mesma nunca havia sido ajudada a pular poças de lama ou a subir em carruagens. “Não sou eu uma mulher?” Com uma voz que soava como “o eco de um trovão”^[44], ela disse: “Olhe para mim! Olhe para o meu braço”, e levantou a manga para revelar a “extraordinária força muscular” de seu braço^[45].

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?^[46]

Enquanto única mulher negra a participar da convenção de Akron, Sojourner Truth fez o que nenhuma de suas tímidas irmãs brancas foi capaz de fazer. Como disse a presidenta do evento [Francis Dana Gage], “há muito poucas mulheres nos dias de hoje que ousam ‘falar em um encontro’”. Tendo defendido de modo contundente a causa de seu sexo, conquistando a atenção das mulheres brancas e de seus desordeiros oponentes masculinos, Sojourner Truth foi espontaneamente aplaudida como a heroína do dia. Ela não apenas lançou por terra o argumento masculino a respeito do “sexo frágil” como também refutou a tese deles de que a supremacia masculina era um princípio cristão, uma vez que o próprio Cristo era homem: “Aquele homenzinho de preto ali, ele diz que as mulheres não podem ter os mesmos direitos do que os homens porque Cristo não era uma mulher. E de onde veio Cristo?”^[47].

De acordo com a pessoa que presidia o evento, um “eco de trovão não teria acalmado aquela multidão como fizeram os tons profundos e admiráveis de sua voz conforme ela falava, com os braços estendidos e os olhos ardentes”^[48]. “De onde veio o seu Cristo? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com ele.”^[49]

Quanto ao terrível pecado cometido por Eva, não era um argumento contra as capacidades das mulheres. Ao contrário, tratava-se de uma enorme vantagem:

Se a primeira mulher criada por Deus foi forte o suficiente para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, estas mulheres, juntas, devem ser capazes de colocá-lo de volta no lugar! E, agora que elas estão pedindo para fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer.^[50]

A beligerância dos homens foi aquietada, as mulheres estavam explodindo de orgulho, com o “coração batendo com gratidão”, e “várias de nós tinham os olhos cheios de lágrimas”^[51]. Frances Dana Gage, que presidia a convenção de Akron, continuou sua descrição do impacto do discurso de Sojourner Truth:

Ela nos tomou em seus braços fortes e nos carregou de modo seguro sobre o lamaçal de dificuldades, fazendo a maré virar a nosso favor. Nunca em toda minha vida vi algo semelhante à mágica influência que dominou a atmosfera agressiva do dia e transformou as vaias e zombarias de uma multidão exasperada em manifestações de respeito e admiração.^[52]

O discurso “Não sou eu uma mulher?”, de Sojourner Truth, teve implicações ainda mais profundas, já que, ao que parece, também era uma resposta às atitudes racistas das mesmas mulheres brancas que posteriormente louvaram sua irmã negra. Não foram poucas as mulheres reunidas em Akron que inicialmente se opuseram às mulheres

negras terem voz na convenção, e os opositores dos direitos das mulheres tentaram tirar vantagem desse racismo. Nas palavras de Frances Dana Gage:

As líderes do movimento tremeram ao ver uma mulher negra alta, magra, usando um vestido cinza e um turbante branco sob um chapéu rústico, que se dirigia de forma decidida para o interior da igreja, caminhando com ar de rainha pela nave, sentando-se aos pés do púlpito. Um burburinho de desaprovação foi percebido em todo o salão, e ouvidos apurados escutaram: “Coisa de abolicionista!”, “Eu avisei!”, “Vai lá, nega!”.^[53]

No segundo dia da convenção, quando Sojourner Truth se levantou para responder aos ataques dos supremacistas masculinos, as líderes brancas tentaram convencer Gage a impedi-la de falar.

“Não deixe ela falar!”, murmurou meia dúzia de vozes aos meus ouvidos. Devagar e solenemente, ela se dirigiu à frente, colocou o velho chapéu a seus pés e me olhou com seus olhos grandes e expressivos. Vaias de desaprovação vinham de todos os lados. Levantei e anunciei, “Sojourner Truth”, e pedi que o público fizesse silêncio por alguns instantes.^[54]

Felizmente para as mulheres de Ohio, para o movimento de mulheres em geral – a quem o discurso de Sojourner Truth estabeleceu um espírito de luta militante – e para nós que, nos dias de hoje, ainda tiramos inspiração de suas palavras, Frances Dana Gage não sucumbiu à pressão racista de suas camaradas. Quando essa mulher negra se levantou para falar, sua resposta aos defensores da supremacia masculina também trazia uma profunda lição para as mulheres brancas. Ao repetir sua pergunta, “Não sou eu uma mulher?”, nada menos do que quatro vezes, ela expunha o viés de classe e o racismo do novo movimento de mulheres. Nem todas as mulheres eram brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia. Sojourner Truth era negra – uma escrava –, mas não era menos mulher do que qualquer uma de suas irmãs brancas na convenção. O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E, como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que a das mulheres brancas de classe média. Em uma convenção nacional de mulheres realizada dois anos depois, ela ainda lutava contra os esforços que tentavam impedi-la de falar.

Sei que vocês sentem comichões e vontade de vaiar quando veem uma mulher de cor se levantar e falar a respeito de coisas e dos direitos das mulheres. Nós fomos tão

rebaixadas que ninguém pensou que iríamos nos levantar novamente; mas já fomos pisadas por tempo demais; vamos nos reerguer, e agora eu estou aqui.^[55]

Ao longo dos anos 1850, convenções locais e nacionais atraíram números crescentes de mulheres para a campanha por igualdade. Não era um fato incomum que Sojourner Truth comparecesse a esses encontros e, apesar da inevitável hostilidade, se levantasse e tomasse a palavra. Ao representar suas irmãs negras – tanto as escravas como as “livres” –, ela transmitia um espírito de luta à campanha pelos direitos das mulheres. Essa foi a excepcional contribuição histórica de Sojourner Truth. E, caso as mulheres brancas tendessem a esquecer que as mulheres negras não eram menos mulheres do que elas, sua presença e seus discursos serviam como um lembrete constante. As mulheres negras também obteriam seus direitos.

Enquanto isso, um grande número de mulheres negras manifestava seu compromisso com a liberdade e com a igualdade de formas menos diretamente relacionadas com o recém-organizado movimento de mulheres. A *Underground Railroad* sugava as energias de muitas mulheres negras do Norte. Jane Lewis, por exemplo, moradora de New Lebanon, Ohio, constantemente remava seu barco através do rio Ohio para resgatar escravas e escravos em fuga^[56]. Frances E. W. Harper, uma dedicada feminista e a mais popular poeta negra de meados do século XIX, era uma ativa oradora e militante do movimento antiescravagista. Charlotte Forten, que se tornou uma proeminente educadora negra no período pós-Guerra Civil, era uma abolicionista igualmente ativa. Sarah Remond, que discursou contra a escravidão na Inglaterra, na Irlanda e na Escócia, exercia forte influência sobre a opinião pública e, de acordo com um historiador, “impedia os *Tories*^[d] de intervir a favor dos Confederados”^[57].

Mesmo abolicionistas brancos mais radicais, que baseavam sua oposição à escravidão em questões morais e humanitárias, não conseguiam compreender que o rápido avanço do capitalismo no Norte também era um sistema opressivo. Viam a escravidão como uma instituição intolerável e desumana, uma transgressão arcaica da justiça. Mas não reconheciam que a mão de obra branca do Norte, não obstante sua condição de operárias ou operários “livres”, não estava em situação muito diferente da mão de obra escrava do Sul: ambas eram vítimas da exploração econômica. Por mais militante que William Lloyd Garrison tenha sido, ele era veementemente contra o direito de organização do proletariado remunerado. A primeira edição do *Liberator* trazia um artigo denunciando os esforços de trabalhadoras e trabalhadores de Boston para formar um partido político:

Lamentamos dizer que houve uma tentativa – que ainda está em andamento – de instigar a mente de nossa classe trabalhadora contra os mais ricos e de convencer os homens de que eles estão condenados e oprimidos pela próspera aristocracia. [...] É

altamente criminoso, portanto, levar nossos operários a atos de violência ou a se organizarem sob a bandeira de um partido. [58]

Como regra, pessoas brancas abolicionistas ou defendiam os capitalistas industriais ou não demonstravam nenhuma consciência de identidade de classe. Essa aceitação sem objeções do sistema econômico capitalista era evidente também no programa do movimento pelos direitos das mulheres. Se a maioria das abolicionistas via a escravidão como um defeito indecente que precisava ser eliminado, a maioria das defensoras dos direitos das mulheres enxergava a supremacia masculina de forma similar – como uma falha imoral de uma sociedade que, em seus demais aspectos, era aceitável.

As líderes do movimento pelos direitos das mulheres não suspeitavam que a escravização da população negra no Sul, a exploração econômica da mão de obra no Norte e a opressão social das mulheres estivessem relacionadas de forma sistemática. No interior do movimento de mulheres, em seus primeiros anos, pouco se discutia sobre a população branca trabalhadora – nem mesmo sobre as mulheres brancas trabalhadoras. Embora muitas mulheres apoiassem a campanha abolicionista, elas não conseguiam integrar sua consciência antiescravagista à análise que faziam da opressão das mulheres.

Ao ser deflagrada a Guerra Civil, as líderes do movimento pelos direitos das mulheres foram persuadidas a redirecionar suas energias para a defesa da causa da União. Mas, ao suspenderem as ações pela igualdade sexual, elas descobriram como o racismo estava profundamente enraizado na sociedade dos Estados Unidos. Elizabeth Cady Stanton, Lucretia Mott e Susan B. Anthony viajaram por todo o estado de Nova York realizando discursos pró-União, nos quais exigiam “emancipação imediata e incondicional” [59]: “e receberam o tratamento mais duro de sua vida nas mãos de gangues de agitadores em todas as cidades onde pararam entre Buffalo e Albany. Em Syracuse, o salão foi invadido por uma multidão de homens que brandiam facas e pistolas” [60].

Se elas não tivessem assumido de antemão que o Sul possuía o monopólio do racismo, os fatos que vivenciaram em sua campanha a favor da União teriam lhes ensinado que também havia racismo no Norte – cuja força podia ser brutal.

Quando o alistamento militar foi instituído no Norte, as forças pró-escravidão estimularam a formação de motins em larga escala nos principais centros urbanos [e]. A população negra livre foi vítima de violência e morte. Em julho de 1863, gangues da cidade de Nova York

destruíram as estações de alistamento, incendiaram um depósito de armas, atacaram o jornal *Tribune* e figuras proeminentes do Partido Republicano, atearam fogo em um orfanato para crianças negras e criaram caos generalizado por toda a cidade. As gangues dirigiram sua fúria especialmente contra pessoas negras, atacando-as onde

estivessem. Muitas foram assassinadas. [...] Calcula-se que cerca de mil pessoas foram mortas ou feridas [...].^[61]

Se até então não estava claro o grau de contágio do próprio Norte pelo racismo, os violentos tumultos de 1863 explicitaram que o sentimento antinegros era profundo, generalizado e potencialmente assassino. Embora o Sul tivesse o monopólio da escravidão, certamente não estava sozinho no apoio ao racismo.

Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony concordavam com os abolicionistas radicais, que diziam que o fim da Guerra Civil poderia ser precipitado por meio da emancipação da população escrava e de seu alistamento no Exército da União. Elas tentaram reunir um número massivo de mulheres em torno dessa posição, lançando uma convocação para que fosse organizada a Liga das Mulheres pela Lealdade. No encontro inaugural, centenas de mulheres concordaram em promover o esforço de guerra, fazendo circular petições pela emancipação da população escrava. Elas não foram unânimes, contudo, em sua reação à resolução proposta por Susan B. Anthony de associar os direitos das mulheres à libertação do povo negro.

A resolução proposta afirmava que nunca haveria paz verdadeira na república até que fossem reconhecidos na prática “os direitos civis e políticos de todos os cidadãos de descendência africana e de todas as mulheres”^[62]. Infelizmente, considerando os desdobramentos do pós-guerra, parece que essa resolução havia sido motivada pelo medo de que as mulheres (brancas) fossem deixadas de lado quando as pessoas escravizadas aflorassem sob a luz da liberdade. Contudo, Angelina Grimké propôs uma defesa principista da unidade entre a libertação negra e a libertação feminina: “Quero ser igualada ao negro”, ela insistia. “Até que ele tenha seus direitos, nós nunca teremos os nossos”^[63].

Alegro-me imensamente que a resolução nos una ao negro. Sinto que estivemos com ele; que o ferro entrou em nossa alma. Verdade, nós não sentimos o açoite do senhor de escravos! Verdade, não tivemos nossas mãos algemadas, mas nosso *coração* foi arrasado.^[64]

Nessa convenção de fundação da Liga das Mulheres pela Lealdade – para a qual todas as veteranas da campanha abolicionista e do movimento pelos direitos das mulheres foram convidadas –, Angelina Grimké, como de hábito, propôs a interpretação mais inovadora da guerra, que ela descreveu como “nossa segunda revolução”^[65].

A guerra não é, como o Sul falsamente alega, uma guerra de raças, nem de setores, nem de partidos políticos, mas é uma guerra de *princípios*, uma guerra contra as classes trabalhadoras, brancas ou negras [...]. Nessa guerra, o homem negro foi a

primeira vítima, o trabalhador de qualquer cor, a seguinte; e agora *todas as pessoas* que defendem os direitos ao trabalho, à liberdade de expressão, às escolas livres, ao sufrágio livre e a um governo livre [...] são levadas a participar da batalha em defesa desses direitos ou a sucumbir com eles, vítimas da mesma violência que, por dois séculos, manteve o homem negro como prisioneiro de guerra. Enquanto o Sul travou essa guerra contra os direitos humanos, o Norte esteve a postos para deter aqueles que apedrejavam a liberdade até a morte [...].

A nação está em uma luta de vida ou morte. Ou ela se tornará uma imensa escravocracia de pequenos tiranos, ou realmente a terra dos livres [...].^[66]

O brilhante “Address to the Soldiers of Our Second Revolution” [Discurso para os soldados da nossa segunda revolução], de Angelina Grimké, provou que sua consciência política era muito mais avançada do que a da maioria de suas contemporâneas. No discurso, ela apresentou uma teoria e uma prática radicais que *poderiam ter se concretizado* por meio de uma aliança entre o operariado, o povo negro e as mulheres. Se, conforme disse Karl Marx, o “trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro”^[f], também é verdade que, como Angelina Grimké tão lucidamente insistiu, as lutas democráticas da época – em especial o combate pela igualdade das mulheres – poderiam ter sido travadas de modo mais eficiente em associação com o combate pela libertação negra.

[1] Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony et al., *History of Woman Suffrage*, v. 1, cit., p. 62.

[2] *Ibidem*, p. 60, nota.

[3] Judith Hole e Ellen Levine, “The First Feminists”, em Anne Koedt et al. (org.), *Radical Feminism* (Nova York, Quadrangle, 1973), p. 6.

[4] Elizabeth Cady Stanton, *Eighty Years and More: Reminiscences, 1815-1897* (Nova York, Schocken, 1917). Ver capítulo V do livro.

[5] Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony et al., *History of Woman Suffrage*, v. 1, cit., p. 62.

[6] *Ibidem*, p. 61.

[7] *Idem*.

[8] *Idem*.